

Lit.

Professor: Amara Moira
Monitor: Rodrigo Pamplona



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

EXERCÍCIOS

1. Pote Cru é meu pastor. Ele me guiará.
Ele está comprometido de monge.
De tarde deambula no azedal entre torsos de cachorro, trampas, trapos, panos de regra, couros, de rato ao podre, vísceras de piranhas, baratas albinas, dalias secas, vergalhos de lagartos, linguetas de sapatos, aranhas dependuradas em gotas de orvalho etc. etc.
Pote Cru, ele dormia nas ruínas de um convento
Foi encontrado em osso.
Ele tinha uma voz de oratórios perdidos.

BARROS, M. Retrato do artista quando coisa. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Ao estabelecer uma relação com o texto bíblico nesse poema, o eu lírico identifica-se com Pote Cru porque:

- entende a necessidade de todo poeta ter voz de oratórios perdidos.
- elege-o como pastor a fim de ser guiado para a salvação divina.
- valoriza nos percursos do pastor a conexão entre as ruínas e a tradição.
- necessita de um guia para a descoberta das coisas da natureza.
- acompanha-o na opção pela insignificância das coisas.

2. O negócio

Grande sorriso do canino de ouro, o velho Abílio propõe às donas que se abastecem de pão e banana:

— Como é o negócio?

De cada três dá certo com uma. Ela sorri, não responde ou é uma promessa a recusa:

— Deus me livre, não! Hoje não ...

Abílio interpelou a velha:

— Como é o negócio?

Ela concordou e, o que foi melhor, a filha também aceitou o trato. Com a dona Julietinha foi assim.

Ele se chegou:

— Como é o negócio?

Ela sorriu, olhinho baixo. Abílio espreitou o cometa partir. Manhã cedinho saltou a cerca. Sinal combinado, duas batidas na porta da cozinha. A dona saiu para o quintal, cuidadosa de não acordar os filhos. Ele trazia a capa de viagem, estendida na grama orvalhada.

O vizinho espionou os dois, aprendeu o sinal. Decidiu imitar a proeza. No crepúsculo, pum-pum, duas pancadas fortes na porta. O marido em viagem, mas não era dia do Abílio. Desconfiada, a moça surgiu à janela e o vizinho repetiu:

— Como é o negócio?

Diante da recusa, ele ameaçou:

— Então você quer o velho e não quer o moço? Olhe que eu conto!

TREVISAN, D. Mistérios de Curitiba. Rio de Janeiro: Record, 1979 (fragmento).

Quanto à abordagem do tema e aos recursos expressivos, essa crônica tem um caráter

- filosófico, pois reflete sobre as mazelas sofridas pelos vizinhos.
- lírico, pois relata com nostalgia o relacionamento da vizinhança.
- irônico, pois apresenta com malícia a convivência entre vizinhos.
- crítico, pois deprecia o que acontece nas relações de vizinhança.
- didático, pois expõe uma conduta a ser evitada na relação entre vizinhos.

3. Logia e mitologia

“Meu coração

de mil e novecentos e setenta e dois
já não palpita fagueiro
sabe que há morcegos de pesadas olheiras
que há cabras malignas que há
cardumes de hienas infiltradas
no vão da unha na alma
um porco belicoso de radar
e que sangra e ri
e que sangra e ri
a vida anoitece provisória
centuriões sentinelas
do Oiapoque ao Chuí.”

(CACASO. Lero-lero. Rio de Janeiro: 7Letras; São Paulo: Cosac & Naify, 2002.)

O título do poema explora a expressividade de termos que representam o conflito do momento histórico vivido pelo poeta na década de 1970. Nesse contexto, é correto afirmar que:

- a) o poeta utiliza uma série de metáforas zoológicas com significado impreciso.
- b) “morcegos”, “cabras” e “hienas” metaforizam as vítimas do regime militar vigente.
- c) o “porco”, animal difícil de domesticar, representa os movimentos de resistência.
- d) o poeta caracteriza o momento de opressão através de alegorias de forte poder de impacto.
- e) “centuriões” e “sentinelas” simbolizam os agentes que garantem a paz social experimentada.

4.



www.fontedesign.com.br

Tropicália

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz
Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento no planalto central
do país
(...)
O monumento não tem porta
A entrada é uma rua antiga, estreita e torta
E no joelho uma criança, sorridente, feia e morta
Estende a mão
(...)

www.caetanoveloso.com.br

O disco e a música Tropicália tornaram-se símbolos do "Tropicalismo", movimento protagonizado por artistas e intelectuais, no Brasil, em finais da década de 1960. Esse movimento destacou-se, principalmente, pela seguinte proposta:

- a) valorização do pluralismo cultural.
- b) denúncia das influências estrangeiras.
- c) enaltecimento da originalidade nacional.
- d) defesa da homogeneização de comportamentos sociais.

5. Mesmo tendo a trajetória do movimento interrompida com a prisão de seus dois líderes, o tropicalismo não deixou de cumprir seu papel de vanguarda na música popular brasileira. A partir da década de 70 do século passado, em lugar do produto musical de exportação de nível internacional prometido pelos **baianos com a “retomada da linha evolutória”, instituiu-se nos meios de comunicação e na indústria do lazer uma nova era musical.**

TINHORÃO, J.R. Pequena história da música popular: da modinha ao tropicalismo. São Paulo: Art, 1986 (adaptado).

A nova era musical mencionada no texto evidencia um gênero que incorporou a cultura de massa e se adequou à realidade brasileira. Esse gênero está representado pela obra cujo trecho da letra é:

- A estrela d'alva / No céu desponta / E a lua anda tonta/ Com tamanho esplendor.** (As pastorinhas, Noel Rosa e João de Barro)
- Hoje / Eu quero a rosa mais linda que houver / Quero a primeira estrela que vier / Para enfeitar a noite do meu bem. (A noite do meu bem, Dolores Duran)
- No rancho fundo / Bem pra lá do fim do mundo / Onde a dor e a saudade / Contam coisas da cidade. (No rancho fundo, Ary Barroso e Lamartine Babo)
- Baby Baby / Não adianta chamar / Quando alguém está perdido / Procurando se encontrar. (Ovelha negra, Rita Lee)
- Pois há menos peixinhos a nadar no mar / Do que os beijinhos que eu darei / Na sua boca. (Chega de saudade, Tom Jobim e Vinicius de Moraes)

6. Sem acessórios nem som

Escrever só para me livrar
de escrever.
Escrever sem ver, com riscos
sentindo falta dos acompanhamentos
com as mesmas lesmas
e figuras sem força de expressão.
Mas tudo desafina:
o pensamento pesa
tanto quanto o corpo
enquanto corto os conectivos
corto as palavras rentes
com tesoura de jardim
cega e bruta
com facão de mato.
Mas a marca deste corte
tem que ficar
nas palavras que sobraram.
Qualquer coisa do que desapareceu
continuou nas margens, nos talos
no atalho aberto a talhe de foice
no caminho de rato.

FREITAS FILHO, A. Máquina de escrever: poesia reunida e revista.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

Nesse texto, a reflexão sobre o processo criativo aponta para uma concepção de atividade poética que põe em evidência o(a)

- angustiante necessidade de produção, presente em “Escrever só para me livrar/ de escrever”.**
- imprevisível percurso da composição, presente em **“no atalho aberto a talhe de foice/ no caminho de rato”.**
- agressivo trabalho de supressão, presente em “corto as palavras rentes/ com tesoura de jardim/ cega e bruta”.**
- inevitável frustração diante do poema, presente em “Mas tudo desafina:/ o pensamento pesa/ tanto quanto o corpo”.**
- conflituosa relação com a inspiração, presente em “sentindo falta dos acompanhamentos/ e figuras sem força de expressão”.**

7. Primeira lição
- Os gêneros de poesia são: lírico, satírico, didático, épico, ligeiro.
- O gênero lírico compreende o lirismo.
- Lirismo é a tradução de um sentimento subjetivo, sincero e pessoal.
- É a linguagem do coração, do amor.
- O lirismo é assim denominado porque em outros tempos os versos sentimentais eram declamados ao som da lira.
- O lirismo pode ser:
- a) Elegíaco, quando trata de assuntos tristes, quase sempre a morte.
 - b) Bucólico, quando versa sobre assuntos campestres.
 - c) Erótico, quando versa sobre o amor.
- O lirismo elegíaco compreende a elegia, a nênia, a endecha, o epitáfio e o epicédio.
- Elegia é uma poesia que trata de assuntos tristes.
- Nênia é uma poesia em homenagem a uma pessoa morta.
- Era declamada junto à fogueira onde o cadáver era incinerado.
- Endecha é uma poesia que revela as dores do coração.
- Epitáfio é um pequeno verso gravado em pedras tumulares.
- Epicédio é uma poesia onde o poeta relata a vida de uma pessoa morta.

CESAR, A. C. Poética. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

No poema de Ana Cristina Cesar, a relação entre as definições apresentadas e o processo de construção do texto indica que o(a)

- a) caráter descritivo dos versos assinala uma concepção irônica de lirismo.
- b) tom explicativo e contido constitui uma forma peculiar de expressão poética.
- c) seleção e o recorte do tema revelam uma visão pessimista da criação artística.
- d) enumeração de distintas manifestações líricas produz um efeito de impessoalidade.
- e) referência a gêneros poéticos clássicos expressa a adesão do eu lírico às tradições literárias.

8. Reclame

“Se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes
... ou transforme o mundo
ótica olho vivo
agradece a preferência.”

(CHACAL et al. Poesia marginal. São Paulo: Ática, 2006.)

Chacal é um dos representantes da geração poética de 1970. A produção literária dessa geração, considerada marginal e engajada, de que é representativo o poema apresentado, valoriza:

- a) o experimentalismo em versos curtos e tom jocoso.
- b) a sociedade de consumo, com o uso da linguagem publicitária.
- c) a construção do poema, em detrimento do conteúdo.
- d) a experimentação formal dos neo simbolistas.
- e) o uso de versos curtos e uniformes quanto à métrica.

9. Cabeludinho

Quando a Vó me recebeu nas férias, ela me apresentou aos amigos: Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que eu voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regências verbais. Ela falava de sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez. E mais: eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento de rir. De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não disiliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. Por depois ouvi um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve / que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro.

BARROS, M. Memórias inventadas: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

No texto, o autor desenvolve uma reflexão sobre diferentes possibilidades de uso da língua e sobre os **sentidos que esses usos podem produzir, a exemplo das expressões “voltou de ateu”, “disilimina esse” e “eu não sei a ler”**. Com essa reflexão, o autor destaca

- a) os desvios linguísticos cometidos pelos personagens do texto.
- b) a importância de certos fenômenos gramaticais para o conhecimento da língua portuguesa.
- c) a distinção clara entre a norma culta e as outras variedades linguísticas.
- d) o relato fiel de episódios vividos por Cabeludinho durante as suas férias.
- e) a valorização da dimensão lúdica e poética presente nos usos coloquiais da linguagem.

GABARITO

Exercícios

1. e
O poeta Manoel de Barros, ao **fazer intertextualidade com a passagem da bíblia “O Senhor é meu pastor...”**, **faz uma comparação entre Deus e o “Pote Cru”**. Dessa forma, ele mostra a sua identificação com um pote cru, algo que é insignificante, assim como as coisas da vida.
2. c
Quanto à abordagem do tema e aos recursos expressivos, essa crônica tem um caráter irônico pois **apresenta com a malícia a convivência entre vizinhos através da pergunta, recorrente no texto, “Como é o negócio?”**.
3. d
Para que se expresse o conflito do momento histórico vivido, o autor se utiliza, no poema, de alegorias de alto poder de impacto: “...há cobras malignas que há; cardumes de hienas infiltradas; no vão da unha na alma...”. A alternativa D confirma essa intenção do poeta em caracterizar o momento de repressão.
4. a
O **“Tropicalismo” foi uma inovação para** a época por recusar uma postura nacionalista na cultura e na arte. Admitia influências estrangeiras e se caracterizava por uma visão artístico-cultural mais abrangente, o que corroborava com o momento de valorização das diferenças, na contramão dos puristas e conservadores dos anos 60.
5. d
O Tropicalismo tinha como principal característica o sincretismo cultural, que pode ser vista pela fusão **do termo estrangeiro “Baby, Baby” com a linguagem nacional**.
6. c
O título do poema “Sem acessórios nem som” evidencia uma concepção de atividade poética marcada pela supressão do supérfluo. Isso é evidenciado pelo trecho descrito na alternativa correta.
7. b
Não houve ironia, pessimismo ou pessoalidade. A autora, de maneira peculiar, explica o que é o lirismo.
8. a
A poesia marginal experimentava versos curtos e o tom jocoso, como se afirma na alternativa “a”.
9. e
O autor ao trazer para o texto expressões que fujam à norma culta, mas que são carregadas de significado e são compreensíveis dentro da situação comunicativa, desenvolve uma reflexão sobre o uso da linguagem, enfatizando sua dimensão lúdica e poética.